

# Tirando a folha de parreira

Não existe tema tabu para a Ciência. Nenhuma dimensão do Universo está fora do campo da possibilidade de vir a ser objeto de conhecimento sistemático. Ao contrário da religião, a ciência deve ser caracterizada pela sua natureza aberta e processual. Não há verdades eternas. Os objetos da ciência são constituídos historicamente. A invenção e o progresso da Ciência dão-se pela constituição de novos objetos, de novos campos de conhecimento. Vale lembrar aqui a "descoberta" do fato social por Durkheim e a constituição da ciência sociológica. Ou ainda a "descoberta" do inconsciente por Freud e a criação da Psicanálise. A descoberta de novos objetos é fundamental no desenvolvimento da Ciência de modo geral.

Já faz algum tempo que a sexualidade tornou-se objeto de investigação científica. No âmbito da Antropologia, por exemplo, desde os primórdios dessa disciplina que o sexo vem merecendo a atenção dos etnógrafos. Já em 1929, Bronislaw Malinowski publicou a "Vida sexual dos selvagens" descrevendo aspectos da vida sexual dos trobriandeses do Pacífico Ocidental. A tradição tem continuidade até os nossos dias. Mas não só antropólogos vêm pesquisando sobre sexualidade. A cada dia que passa avulta-se o volume de estudos feitos por cientistas sociais, enfocando a sexualidade na sua dimensão sociológica, histórica e antropológica. No Brasil, onde até bem pouco tempo a sexualidade tinha sido objeto exclusivo do olhar médico ou psicológico, modernamente, outros olhares voltam-se para ela. Evidencia-se o fim da monarquia do discurso médico sobre a sexualidade, com a colocação em cena de outras falas. Obviamente a eleição de sexuali-

dade como tema de pesquisa conecta-se aos movimentos feminista e homossexual. É na esteira destes que a sexualidade entra no enfoque do pesquisador da Ciência Social.

Estudar a sexualidade não é simplesmente pesquisar um tema de moda. Trata-se na verdade, de responder a uma demanda social existente. Vivemos todos mergulhados no discurso da sexualidade. Queiramos ou não, vivemos sob a sua monarquia. A pornografia, a publicidade e a Psicanálise perpassam todo o corpo social desencadeando um efeito de sexualização de toda a vida humana social e individual. Não vou aqui determinar os aspectos negativos que possam acarretar o processo. O fato é que o fenômeno existe e somente os adeptos da "política do avestruz" se negarão a ver. A micipia vitoriana não fará, contudo, desaparecer o fenômeno. A sexualização ou mesmo a hipersexualização da vida se propaga progressivamente.

Neste horizonte, o estudo de sexualidades outras (que não a nossa medicalizada e psicologizada) poderá ser de grande valia num esforço de relativização. Entender que a nossa fama de vivenciar e representar as coisas do sexo não é a única possível.

Numa ordem cultural diversa as coisas tomam outra configuração. Ir aos "outros" e voltar a "nós" pode servir para demonstrar a natureza cultural da sexualidade enquanto experiência própria da nossa civilização.

Lembro, para finalizar, as palavras de Paul Veyne: "... o dever do historiador é dar à sociedade que é a sua o sentimento de relatividade de seus valores."

Francisco José Aives